

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/03/2013 a 31/03/2013

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

Mercosul, 'âncora' ou 'balão'? Kátia Abreu – Folha de São Paulo, Mercado. 09/03/2013.....	3
China eleva compras de milho dos EUA em 2013 – O Estado de São Paulo, Economia. 12/03/2013.....	4
Organizações de agricultores do Brasil cobram diálogo sobre o Pró-Savana – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Agricultura (CONTAG). 13/03/2013	5
Empresa chinesa cancela compra de quase 2 milhões de toneladas de soja do Brasil. Renée Pereira – O Estado de São Paulo, Economia. 19/03/2013	6
China vende estoques de soja para compensar atrasos no Brasil – Folha de São Paulo, Mercado. 21/03/2013.....	7
Senegal acelera processo para receber máquinas do Mais Alimentos – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 22/03/2013.....	8
Brasil e China querem aumentar relações, diz diplomata. Renan Carreira – O Estado de São Paulo. 22/03/2013	9
Nações africanas aumentam gastos agrícolas e reduzem pobreza, diz estudo. Lesley Wroughton – O Estado de São Paulo, Internacional. 26/03/2013.....	9
Brics rejeitam acusações de serem 'novos imperialistas' na África. Pascal Fletcher – O Globo, Economia. 26/03/2013	11
Grupo de trabalho bilateral EUA-SP marca primeira ação prática. Mônica Reolom – O Estado de São Paulo, São Paulo. 26/03/2103	14
BNDES assina dois acordos com bancos dos Brics – O Estado de São Paulo, Economia. 27/03/2013.....	16

Mercosul, 'âncora' ou 'balão'? Kátia Abreu – Folha de São Paulo, Mercado. 09/03/2013

O bloco é uma espécie de condomínio atrasado e medroso, com muita retórica e pouco comércio

Nem sempre é fácil tirar lições dos fatos da história econômica das nações, pois a relação entre causas e efeitos raramente é clara e inequívoca. Uma evidência, no entanto, parece se impor sem a necessidade de maiores considerações: países ricos são os que têm mais comércio internacional.

Não conheço nenhuma exceção a essa regra. EUA, China, Japão, Alemanha são líderes incontestes, tanto em renda quanto em comércio. Os episódios mais recentes de países que deixaram de ser pobres e atrasados, quase todos eles da Ásia, são exemplos de apostas na liberdade de comércio.

Em se tratando de relações comerciais, o isolamento é o caminho certo para manter baixos níveis de desenvolvimento e bem-estar social. Os países emergentes que escolheram se voltar para dentro, por meio de medidas protecionistas e de restrições ao comércio, ficaram estagnados ou cresceram a taxas relativamente baixas.

Ver as economias do resto do mundo como ameaça é um truque perverso para enriquecer, indevidamente, oligopólios de produtores domésticos que só admitem ser competitivos com tarifas. Nunca com inovações.

Quem paga o preço dessa esperteza é a sociedade, condenada a consumir produtos de pior qualidade e preços mais altos, sem falar no crescimento econômico que se perde.

Infelizmente, o Brasil ainda cultiva a velha cultura do protecionismo. No começo, pela razão objetiva de que nossa economia não gerava capacidade para importar e vivia em eterna crise cambial. Mais tarde, mesmo na ausência de qualquer crise de pagamentos ao exterior, adotamos o princípio de que o mercado interno era um recurso da nação e devia ser resguardado para os produtores locais.

O comércio internacional, por ideologia ou interesses mais pragmáticos, fixou-se em nosso imaginário como uma ameaça a evitar e combater. A consequência é que nossas transações com o mundo seguem tímidas, a despeito de todo o processo de globalização. Segundo a OMC, o Brasil representa apenas 1,5% do comércio mundial.

Enquanto isso, quase todos os países com relevância no cenário econômico mundial não param de se movimentar em busca de acordos de livre comércio para incrementar exportações e importações.

E nós, como um ponto fora da curva, mantemo-nos ao lado de nossos vizinhos.

Não sou especialista em economia internacional. Mas me parece claro que os países podem fazer acordos comerciais de dois tipos.

Um eu chamaria de "acordo balão", que eleva o país acima de sua própria superfície e descortina um universo de possibilidades. O outro é o "acordo âncora", que imobiliza o país, como se o prendesse ao fundo do mar.

"Acordo balão" teria sido a Alca (Associação de Livre Comércio das Américas), que alguns brasileiros se orgulham de ter matado no nascedouro. Poderia ser, também, um outro tratado de livre comércio com a União Europeia, com os países da Ásia ou com Canadá e Austrália.

Exemplo claro de "acordo âncora" é, inegavelmente, o Mercosul, que, a cada dia mais, converte-se em um clube ideológico.

É uma espécie de condomínio atrasado e medroso, com muita retórica e pouco comércio. O Mercosul teme o comércio livre e impede que o Brasil faça acordos com o resto do mundo, a não ser que se conforme e se limite aos termos da política argentina.

O Brasil ficou grande demais para se submeter às limitações impostas pela cultura do atraso que teima em não nos deixar ou ser abafado pela miopia kirchnerista ou bolivariana.

A Alca, se tivesse se tornado realidade, possibilitaria ao Brasil acesso preferencial ao mercado americano antes da chegada dos produtos chineses, o que ocorreu em seguida. Teríamos chegado na frente.

Esse era o sentido do acordo que recusamos, com medo da concorrência dos manufaturados americanos. A invasão americana que quisemos impedir foi substituída pela invasão chinesa.

É a história teimando em seguir seu curso, apesar de nós.

China eleva compras de milho dos EUA em 2013 – O Estado de São Paulo, Economia. 12/03/2013

A China, segundo principal consumidor mundial de milho, comprou um volume maior do cereal norte-americano da nova safra, que deve ser colhida após setembro, elevando o total de pedidos desde fevereiro para cerca de 600 mil toneladas, estimulada pelos preços mais baixos nos EUA, disseram traders.

Os carregamentos adicionais foram comprados por fábricas de ração animal, que já tinham comprado 240 mil toneladas no final de fevereiro, em meio às expectativas de que os preços domésticos continuem altos.

Segundo traders, grandes compradores, como a estatal COFCO, não estão realizando grandes compras e estão esperando os preços do milho dos EUA recuarem ainda mais, enquanto que a Sinograin, administradora das reservas estatais da China, pode se voltar aos Estados Unidos após seu programa de reabastecimento doméstico terminar em 30 de abril.

A Sinograin está atualmente comprando somente do mercado doméstico, mas adquiriu mais de 6 milhões de toneladas de milho dos EUA no final de 2011 e início de 2012 a fim de reabastecer os apertados estoques estatais.

Os futuros do milho na bolsa de Chicago com vencimento para dezembro, que servem de referência para a safra dos EUA do segundo semestre, caíram 7,1 por cento nos primeiros dois meses de 2013, na segunda pior performance em uma década durante a entressafra de inverno para as cotações de uma nova safra.

Organizações de agricultores do Brasil cobram diálogo sobre o Pró-Savana – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Agricultura (CONTAG). 13/03/2013

Na tarde desta terça-feira, 12 de março, a CONTAG participou de uma reunião com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e responsáveis pelo projeto Pró-Savana, que está sendo pensado como uma organização tripartite, composta por Brasil, Japão e Moçambique. Esta reunião foi solicitada pela Fase em parceria com outras organizações, como a CONTAG, o Movimento de Mulheres Camponesas e o MPA, no sentido de esclarecer as fases do projeto. Na opinião da CONTAG, não percebe-se um canal de diálogo entre a sociedade civil e a coordenação desse projeto sobre o que está sendo pensado, os próximos passos e sobre até que ponto conseguirá envolver, para uma escuta, as organizações que representam a agricultura familiar em Moçambique.

“A preocupação é grande porque o projeto será instalado em uma região de Moçambique conhecida como Corredor de Nacala. Uma das preocupações da organização de pequenos agricultores em Moçambique é sobre os reais impactos do investimento para a execução desse projeto no país. Segundo a organização, essa região envolve quatro milhões de agricultores familiares. Outra preocupação é que o governo brasileiro divulgou que quer transformar a Savana africana em um celeiro de segurança alimentar como o cerrado brasileiro. E nós sabemos em que se transformou o cerrado brasileiro”, mostrou-se preocupada a vice-presidente e secretária de Relações Internacionais da CONTAG, Alessandra Lunas. A dirigente afirmou que as organizações querem participar de um projeto de desenvolvimento rural sustentável dessa região e não de expansão do agronegócio.

As organizações saíram da reunião com o compromisso de continuar o diálogo com a ABC. O próximo passo do projeto é realizar um trabalho de campo, de contato com as organizações locais e de pensar em assistência técnica e de extensão rural. “É bom lembrar que a CONTAG participou da construção da plataforma de camponeses dos países de Língua Portuguesa (CPLP). Então, acreditamos que a partir do Pró-Savana o Brasil possa efetivar o que sempre temos dito: o Brasil é um exemplo de democracia participativa. Portanto, temos que fortalecer esse debate”, completou. Está previsto um novo diálogo para o dia 12 de abril.

Empresa chinesa cancela compra de quase 2 milhões de toneladas de soja do Brasil. Renée Pereira – O Estado de São Paulo, Economia. 19/03/2013

Principal motivo é o atraso de embarques verificado nos principais portos brasileiros

O grupo chinês Sunrise vai cancelar a compra de quase 2 milhões de toneladas de soja por causa dos atrasos de embarques verificado nos principais portos brasileiros. Nas últimas semanas, filas quilométricas de caminhões têm se formado nas rodovias que dão acesso ao Porto de Santos, o maior da América do Sul e responsável por um terço das exportações de soja do País. Como os caminhões não conseguem chegar até o terminal, os navios não podem atracar e ficam parados na barra à espera dos produtos.

"Nós não receberemos as cargas. Primeiramente, é um default (calote) por parte do fornecedor por não embarcar no prazo", disse ShaoGuori, gerente responsável pela divisão de soja do grupo. Ele afirmou que a companhia planejava nesta terça-feira cancelar de 10 a 12 navios panamax (capacidade para 60 mil toneladas), com carregamentos que deveriam ter sido enviados entre janeiro e fevereiro, já que apenas duas embarcações haviam chegado até o momento.

De acordo com a empresa, que compra 7 milhões de toneladas de soja por ano, outros 23 carregamentos agendados para abril e junho também deverão ser cancelados. O movimento da companhia, com sede em Pequim, que responde por cerca de 10% das importações de soja realizadas pela China, foi visto pelo mercado como uma forma de a empresa tentar renegociar os carregamentos. Desde que a empresa fechou a compra com os produtores brasileiros, o valor da soja caiu. Por isso, agora a empresa quer negociar melhores cotações para substituir os volumes comprados anteriormente.

Segundo o consultor João Carlos Kopp, esse tipo de manobra é mais comum nos Estados Unidos para reduzir os preços da soja. Em algumas ocasiões, é mais vantajoso para o comprador pagar a multa prevista no contrato e, mais para a frente, fazer a recompra dos grãos a preços mais baixos, explica ele. Ao cancelar uma compra, a companhia mexe nos preços do mercado internacional.

Kopp afirma que os boatos de que a chinesa cancelaria a compra de soja começaram na sexta-feira, mas só foram confirmados ontem. Mas, ao cancelar o pedido, a empresa terá de ir ao mercado para repor o produto. O problema é que nos Estados Unidos, outro grande produtor, os estoques estão baixos. Então é possível que eles tenham de recorrer, novamente, ao mercado brasileiro.

Infraestrutura

Embora seja uma manobra mais comum do que muitos imaginam, dessa vez a empresa tem como desculpa as dificuldades de embarque provocadas pela péssima infraestrutura brasileira.

Segundo informações do setor, há navios que aguardam desde fevereiro para o embarque de soja nos portos nacionais. "O Brasil vive um apagão logístico. Isso que

está ocorrendo agora é só o fio do novelo de lã que começa a ser desenrolado", afirma o diretor da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), Sergio Mendes.

De acordo com ele, várias iniciativas precisam ser adotadas para evitar que esse tipo de gargalo afete a produção de grãos nos próximos anos e reduza a competitividade do produto brasileiro. Uma delas, completa Mendes, é a aprovação da Medida Provisória 595, conhecida como MP dos Portos.

O setor do agronegócio defende a construção de novos terminais portuários privados, fora dos portos públicos. Mendes e Edeon Vaz Ferreira, diretor do Movimento Pró-Logística de Mato Grosso, argumentam que o governo precisa tornar viável novas rotas para escoar a soja, especialmente pelos portos do Norte. Além de desafogar os terminais do Sul e Sudeste, o caminho é mais rentável financeiramente, o que aumenta a competitividade do Brasil.

China vende estoques de soja para compensar atrasos no Brasil – Folha de São Paulo, Mercado. 21/03/2013

A China está vendendo entre 1 milhão e 1,5 milhão de toneladas de soja de reservas estatais para aliviar a apertada oferta disponível para as esmagadoras do país, em meio a um congestionamento nos portos brasileiros que está atrapalhando os embarques para o país asiático, maior importador mundial da oleaginosa, disseram traders nesta quinta-feira.

A soja oferecida pela estatal Sinograin é parte dos estoques de soja importada que teriam que ser recuperados mais tarde, com carregamentos da América do Sul ou dos Estados Unidos, disseram os traders.

O executivo de uma esmagadora disse que a companhia havia comprado um grande volume de soja a preços de mercado da Sinograin.

A soja importada era oferecida a 4.650 iuans (US\$ 750) por tonelada nesta quinta-feira em um importante porto chinês, segundo os traders.

A China deverá importar menos de 4 milhões de toneladas de soja tanto em março quanto em abril devido aos atrasos nos portos brasileiros, enquanto as indústrias compram normalmente 5 milhões de toneladas por mês, disseram os traders.

Cancelamento

Uma trader chinesa disse esta semana que cancelaria compras de 2 milhões de toneladas de soja brasileira devido aos atrasos no Brasil, elevando as preocupações sobre uma queda na demanda por parte do país que compra 60% da soja comercializada no mundo. A Anec (Associação Nacional de Exportadores de Cereais) não tem notícia de quebra de contratos. "Apenas de postergações", afirma o presidente Sérgio Mendes.

Apesar de também não ter informações sobre o cancelamento, Ricardo Tomczyk, vice-presidente da Aprosoja (Associação de Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso), diz que a situação é "muito preocupante". "Se o cancelamento de fato ocorreu, deve-se a um atraso muito grande nos embarques", afirma.

Segundo especialistas, o grupo chinês aproveita os gargalos logísticos do Brasil para pagar menos pela soja.

Os preços internacionais estão em queda por causa do aumento da oferta, com o avanço da colheita da safra recorde na América do Sul.

"É muito provável que o grupo chinês use o mecanismo de cancelamento de contrato para ganhar com a diferença nos preços", diz João Carlos Kopp, da JC.KoppConsult, especializada em soja.

A estratégia já foi utilizada pelo maior importador de soja do mundo no passado, inclusive em outros mercados.

Senegal acelera processo para receber máquinas do Mais Alimentos – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 22/03/2013

O Programa Mais Alimentos África foi tema da reunião realizada nesta sexta-feira (22) entre o ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Pepe Vargas, e o ministro da Agricultura do Senegal, Abdoulaye Baldé. Na oportunidade, o país africano apresentou ao Governo Federal uma carta de crédito específica para o programa. A medida deve acelerar o processo de financiamentos de máquinas e implementos agrícolas para a agricultura familiar senegalesa.

O Programa Mais Alimentos África é uma linha de crédito do governo brasileiro para promover iniciativas no âmbito da Cooperação Sul-Sul. "Para o governo brasileiro as relações Sul-Sul são extremamente importantes. E, por causa disso, não nos interessa somente vender as máquinas. Nós também temos muito interesse em colaborar com a agricultura familiar dos países", afirmou o ministro Pepe Vargas.

Senegal foi o quarto país africano a aderir ao programa. O protocolo de cooperação técnica foi firmado no fim de 2011. Ao participar do Mais Alimentos África, o país recebe capacitação técnica rural custeada por empresas brasileiras e crédito para adquirir, no Brasil, máquinas específicas para a agricultura familiar.

O Mais Alimentos Brasil foi criado pelo Governo Federal em 2008. A iniciativa oferece uma linha de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para promover a modernização produtiva das unidades familiares agrícolas em todo o território nacional. O programa atende projetos individuais e coletivos com juros de 2% ao ano, até três anos de carência e prazo de pagamento do empréstimo de até 15 anos.

Brasil e China querem aumentar relações, diz diplomata. Renan Carreira – O Estado de São Paulo, Economia. 22/03/2013

O ex-embaixador do Brasil na China Clodoaldo Hugueneu disse nesta sexta-feira que há interesse dos dois países em aprofundar as relações, que, de acordo com ele, cresceram de forma "espetacular" nos últimos cinco anos. "Acho que a relação tem tudo para seguir crescendo, não só no plano político, como no econômico", afirmou.

Em palestra promovida pelo Conselho Empresarial Brasil-China, em parceria com a BRF, em São Paulo, Hugueneu lembrou que a presidente Dilma Rousseff e o presidente Xi Jinping se encontrarão na próxima semana, em Durban, na África do Sul, na reunião de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (Brics). "O diálogo entre os presidentes é fundamental. Xi Jinping esteve no Brasil quando ainda era vice-presidente e tem interesse em aprofundar as relações com o Brasil".

O ex-embaixador do Brasil na China disse que, à medida que a relação se torna mais estreita, mais acordos comerciais podem ser firmados. "Quando o ex-presidente Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) esteve na China, em 2009, foram assinados mais de 20 importantes acordos. Quando a Dilma esteve na China, em 2011, foram assinados outros tantos acordos. Sempre há novos acordos a serem assinados", afirmou.

Hugueneu afirmou que o Brasil não tem "grandes problemas" com a China. "A relação política é boa, atuamos em áreas diferentes, os dois países estão a milhas de distância um do outro, em áreas geoestratégicas bastante opostas." O ex-embaixador do Brasil disse, contudo, que ainda existem entraves, especialmente na área comercial e de investimento. "Mas é um problema fácil de equacionar. É sentar à mesa, discutir e negociar".

Segundo Hugueneu, há três tarefas que o País precisa priorizar para melhorar a relação com a China. Primeiro, o ex-embaixador disse que o Brasil tem de se dedicar a realizar reuniões mais sérias com o lado chinês. "Essa não é uma tarefa só do governo, mas do setor empresarial, da sociedade civil, do Parlamento. Não dá mais para continuar empurrando a relação com a barriga, senão os chineses vão controlar a relação."

A segunda, conforme Hugueneu, é ter coordenação quando se for negociar com os chineses. "Não se pode ter uma visão apenas setorial, negociando num momento agricultura e em outro agronegócio. Tem de ter coordenação setorial, mas tem de ter visão global. Onde essas peças se encaixam? Porque é assim que o outro lado (chinês) pensa." Por último, o ex-embaixador declarou que falta ao País planejamento de longo prazo. "Deixado a seu curso, o Brasil vai continuar fornecendo matérias-primas para a China. Não há nada de errado em exportar commodity, mas não pode ser só isso."

Nações africanas aumentam gastos agrícolas e reduzem pobreza, diz estudo. Lesley Wroughton – O Estado de São Paulo, Internacional. 26/03/2013

O presidente dos EUA, Barack Obama, recebe esta semana os líderes de quatro países africanos que são citados em um novo estudo como tendo efetivamente aumentado os gastos com agricultura para combater a pobreza extrema e a fome.

O relatório da campanha ONE, um grupo antipobrezaco-fundado pelos roqueiros irlandeses Bono e Bob Geldof, disse que Senegal, Malawi, Cabo Verde e Serra Leoa cumpriram ou estavam perto de cumprir as metas para os gastos de verbas na agricultura.

Todos os países, exceto Cabo Verde, onde há poucos dados, também estão na faixa ou perto de atingir a meta da ONU de reduzir pela metade a pobreza extrema até 2015, disse o relatório. Os líderes africanos vão visitar a Casa Branca na quinta-feira para mostrar suas jovens democracias, mas também o seu potencial em uma região onde fortes políticas econômicas estão atraindo um maior investimento.

Um relatório recente do Banco Mundial disse que o setor agrícola de África poderia se tornar uma indústria de 1 trilhão de dólares até 2030, se os agricultores modernizarem suas práticas e tiverem um melhor acesso a financiamento, novas tecnologias, irrigação e fertilizantes.

"Apesar da melhoria recorde em alguns países africanos, a África em geral ainda está longe de realizar seu potencial agrícola", disse o relatório da ONE, que avaliou os progressos em 19 países africanos e dos doadores que enviam ajuda.

"Para os governos africanos, doadores e o setor privado também, 2013 é o ano para cumprir esses blocos de construção que impactam a agricultura e expandem as oportunidades econômicas para os agricultores", disse o relatório.

Este ano marca uma década desde que os governos africanos se comprometeram a alocar 10 por cento dos gastos nacionais para aumentar a produção agrícola, revertendo décadas de baixo investimento no setor. Os chamados compromissos de Maputo expiram este ano, dando aos líderes mundiais a oportunidade de estabelecer um plano novo e ousado, com metas, disse o relatório.

De acordo com uma análise da ONE, pelo menos quatro dos 19 países africanos analisados --Etiópia, Cabo Verde, Malawi e Níger-- cumpriram ou ultrapassaram a meta de 10 por cento das despesas totais na agricultura. Senegal e Serra Leoa estão perto do alvo. Enquanto isso, os retardatários são Nigéria, Libéria e Gana, que gastam menos de 2 por cento de seus orçamentos em agricultura. O relatório também pediu que os países mais industrializados do mundo --Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Canadá, Japão, Alemanha e Rússia-- façam valer as várias promessas de financiamento para ajudar as nações africanas a aumentarem a produção agrícola.

O G8, que se reúne em junho deste ano, tem repetidamente prometido apoiar iniciativas lideradas pela África, mas os planos de investimento do G8 na agricultura só garantiram cerca de metade do financiamento necessário, e muitos doadores contribuem apenas com uma pequena fração de sua ajuda agrícola a países pobres, disse o relatório.

O relatório mostra que as instituições da União Europeia, Canadá e Alemanha aumentaram sua quota de ajuda externa à agricultura, enquanto Grã-Bretanha, Japão e França reduziram as suas.

Brics rejeitam acusações de serem 'novos imperialistas' na África. Pascal Fletcher – O Globo, Economia. 26/03/2013

"Brics, não dividam a África" diz um cartaz no salão de uma igreja no centro de Durban, onde ativistas da sociedade civil se juntaram para lançar um olhar crítico sobre a cúpula dos cinco poderes globais emergentes.

O slogan invoca a conferência do século 19 em Berlim, onde os países coloniais europeus predominantes repartiram o continente africano em uma corrida que o historiadores vêem como a personificação do capitalismo explorador da época.

Décadas depois que os africanos se livraram do jugo colonial, é a vez do grupo dos países emergentes dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) verem seus motivos sendo analisados, à medida que eles proclamam em tom altruísta uma "parceria para o desenvolvimento, integração e industrialização" com a África.

Liderados pelo gigante emergente, a China, os Brics são agora os maiores parceiros comerciais da África e formam o maior novo grupo de investidores. O comércio entre os Brics e a África deve superar 500 bilhões de dólares até 2015, com a China abocanhando consideráveis 60 por cento do total, de acordo com o Standard Bank.

Os líderes dos Brics insistem em apresentar o grupo --que representa mais do que 40 por cento da população mundial e um quinto do Produto Interno Bruto (PIB)-- em uma moldura calorosa de cooperação benevolente entre Sul-Sul, um contrapeso essencial ao "velho" Ocidente e um melhor parceiro para as massas pobres do mundo em desenvolvimento.

"Nós achamos que há muito tapinha nas costas", afirmou Patrick Bond do centro de Sociedade Civil da Universidade de KwaZulu-Natal, que ajudou a organizar uma reunião alternativa "Brics-de-baixo" em Durban para obscurecer a reunião de cúpula dos Brics na terça e na quarta-feira.

Bond e outros críticos do lema Sul-Sul dos Brics dizem que os países em desenvolvimento que recebem investimento e assistência dos novos poderes emergentes precisam olhar de perto, e com firmeza, os acordos que estão sendo firmados.

Debaixo da aparência fraternal, Bond vê uma "competição imperial incoerente" sem diferenças com a corrida do século 19. Segundo ele, os membros dos Brics estão explorando e cobiçando de maneira similar os recursos africanos, sem impulsionar suficientemente a industrialização e a criação de empregos, muito necessários no continente.

Esta visão ganhou alguma força na África com cidadãos desde Guiné e Nigéria a Zâmbia e Moçambique vendo cada vez mais as companhias brasileiras, russas, indianas, chinesas e sul-africanas arrematando acordos multibilionários de petróleo e mineração e grandes projetos de infraestrutura.

Muitos destes negócios estão sob escrutínio de grupos locais e internacionais de direito. Muitos desses acordos tem enfrentado críticas de que concentram-se fortemente na extração de matéria-prima, que não são transparentes e que não geram emprego e benefícios ao desenvolvimento suficientes para os países que os recebem --mesmas críticas feitas muitas vezes a empresas do mundo desenvolvido do Ocidente.

Nova forma de imperialismo

Ativistas anti-pobreza afirmam que as grandes empresas dos Brics que atuam na África buscam o lucro, assim como as empresas do mundo rico.

"Questões de ganância são universais e seus atores vêm tanto do Norte e como do Sul", disse WahuKaara, ativista pela justiça social do Quênia e coordenador da Rede de Alívio da Dívida do Quênia que participa da reunião "Brics-de-abaxo".

Essa desconfiança em relação aos novos investidores na África tem também permeado alguns círculos governamentais no continente.

Alertando que a África está se abrindo a "uma nova forma de imperialismo", o presidente do Banco Central da Nigéria, LamidoSanusi, acusou a China, agora a segunda maior economia do mundo, de agravar a desindustrialização e o subdesenvolvimento da África.

"A China leva nossos bens primários e nos vende manufaturados. Esta foi também a essência do colonialismo", escreveu Sanusi em uma coluna de opinião no dia 11 de março, no jornal Financial Times.

"África deve reconhecer que a China - como os EUA, a Rússia, a Grã-Bretanha, o Brasil e o resto - está na África não no interesse africano, mas no seu próprio interesse", acrescentou Sanusi.

Os chineses e outros líderes dos Brics rejeitam indignados as críticas de que o grupo representa um tipo de "sub-imperialismo" no engajamento político e econômico crescente com a África.

ZhongJianhua, o enviado especial da China para a África, disse à Reuters que a história comum da China e da África de resistência ao colonialismo coloca seu relacionamento em um nível diferente.

"A China foi intimidada por outros no passado, e assim foi a África. Esta experiência compartilhada significa que eles têm muito em comum. Esta é a vantagem da China e a razão pela qual muitos países ocidentais estão em desvantagem", disse ele em entrevista à Reuters.

Zhong acrescentou que a China deve incentivar suas empresas a formar e contratar mais trabalhadores africanos, respondendo a queixas de que investidores chineses muitas vezes usam suas próprias forças de trabalho.

Catherine Grant-Makokera, do Instituto Sul-Africano de Assuntos Internacionais (SAIIA), disse que os governos dos Brics operam visivelmente de modo diferente do Ocidente na forma como oferecem financiamento e auxílio para as nações da África.

"Você tem visto uma maior disposição dos agentes mais novos para investir em coisas como infraestrutura pesada, seja por meio do financiamento ou simplesmente subvenções ou doações", disse Grant-Makokera, chefe do programa para a diplomacia econômica do SAIIA.

Ela reconheceu, contudo, que a abordagem dos Brics no auxílio ao desenvolvimento, ao mesmo tempo que oferece respostas mais rápidas dos projetos, muitas vezes é menos contida por questões ambientais e trabalhistas.

Isso levou a acusação de que empresas dos Brics, em sua pressa para desenvolver projetos de recursos naturais, desrespeitam os direitos das comunidades locais e o meio ambiente.

A gigante brasileira da mineração Vale, nomeada em 2012 pelo grupo suíço sem fins lucrativos PublicEye como a empresa com o maior "desprezo para o meio ambiente e os direitos humanos" no mundo, defende sua ação em Moçambique, onde está investindo bilhões de dólares na exploração de carvão e infraestrutura.

A Vale tem enfrentado manifestações violentas de moçambicanos que exigem maiores benefícios e são contra os deslocamentos forçados das populações locais.

O chefe das operações da Vale na África, Ricardo Saad, disse que o fato de a empresa ter experimentado "problemas" não significa que poderia ser acusada de comportamento "neocolonialista" na África.

Ele disse que as potências coloniais só vieram e tomaram os recursos do continente, sem consultar o povo, e que os contratos atuais são negociados com governos e comunidades.

"A partir do momento que eu procuro uma licença para operar, onde você fala com a comunidade, onde tudo que você faz tem autorização e planejamento prévio do governo, eu não posso dizer que é neocolonialismo", disse Saad à Reuters.

Analistas de desenvolvimento dizem que os Brics, com suas economias, governos e prioridades competitivas radicalmente diferentes, ainda precisam demonstrar que podem mudar as estruturas de poder global para o benefício dos pobres e desprivilegiados do mundo.

"O fato de que eles estão pressionando por um novo equilíbrio de poder no mundo tem de ser salientado como uma coisa positiva... eles têm novas vozes", disse Nathalie Beghin da organização brasileira pró-democracia INESC.

Catherine Grant-Makokera, do SAIIA, diz que os Brics oferecem aos países em desenvolvimento outras opções de ajuda e investimento como alternativa aos velhos parceiros ocidentais.

"Pelo menos você tem uma diversidade agora, eu não acho que isso pode ser subestimado", disse ela.

Grupo de trabalho bilateral EUA-SP marca primeira ação prática. Mônica Reolom – O Estado de São Paulo, São Paulo. 26/03/2103

Missão técnica vai conhecer a dimensão tecnológica da polícia de Nova York

Um grupo de trabalho bilateral dos governos de São Paulo e dos Estados Unidos foi formalizado na tarde dessa segunda-feira pelo governador Geraldo Alckmin e pelo embaixador norte-americano no Brasil, Thomas Shannon, para desenvolver projetos em educação, pesquisa, segurança, comércio e cooperação com a África. É a primeira vez que os EUA estabelecem relação formal com um governo subnacional na América Latina, de acordo com o assessor especial para assuntos internacionais do governo paulista, Rodrigo Tavares.

O cônsul-geral dos EUA em São Paulo, Dennis Hankins, vai chefiar o grupo pela parte do país americano. Ele ressalta que, diplomaticamente, governos subnacionais estão se tornando tão importantes quando países: "Hoje em dia as cidades e estados jogam um papel muito importante nas relações internacionais".

O grupo já tem a primeira ação prática confirmada: no final de abril, uma missão técnica chefiada pelos secretários de Segurança de Segurança Pública, Fernando Grella, e de Planejamento e Desenvolvimento Regional, Julio Semeghini, irá aos Estados Unidos com o objetivo de conhecer a dimensão tecnológica da polícia de Nova York. Representantes das polícias Civil e Militar acompanharão a viagem, que visa avaliar a possibilidade de implantar tecnologias que envolvem videomonitoramento e bancos de dados criminais no Estado de São Paulo.

O grupo de trabalho bilateral, que deve se reunir trimestralmente até 2014, é composto pela Assessoria Especial para Assuntos Internacionais do Governo de SP; as secretarias estaduais de Segurança, Justiça, Educação e Desenvolvimento Econômico; o Consulado dos EUA em SP e o Itamaraty.

Conheça as prioridades de ação até 2014:

Educação

- Fortalecer o Programa de Intercâmbio Cultural do Centro Paula Souza, que oferece anualmente 550 bolsas de estudo de inglês nos Estados Unidos para alunos e professores de inglês das ETECs e FATECs.

- Assinatura de memorando de entendimento com vistas à adoção de programa de intercâmbio, nos EUA, de alunos e professores de inglês da rede pública. A delegação paulista ficará nos EUA por um mês com despesas pagas pelo Governo de São Paulo. Os primeiros alunos deverão partir em 2014.

Segurança e Justiça

- Proteção a Testemunhas: Organização de seminários conjuntos, visitas técnicas e programas de intercâmbio entre os EUA e o Governo de SP no âmbito do Programa Estadual de Proteção a Vítimas e Testemunhas (Provita) da Secretaria da Justiça do Governo de São Paulo.

- Tráfico de Pessoas: Organização de seminários conjuntos, visitas técnicas e programas de intercâmbio entre os EUA e o Governo de SP no âmbito do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em São Paulo da Secretaria da Justiça do Governo de São Paulo.

- Participação de policiais civis e militares em cursos de formação nos EUA nas áreas de segurança pública (combate ao tráfico de drogas; cybercrimes, combate à pirataria, à pedofilia, falsificação de moeda e cartões de crédito, combate ao crime organizado), custeados pelo Governo dos EUA. Policiais que participam do programa transformam-se em multiplicadores e viram formadores em SP, exportando o conhecimento para polícias do Peru, Bolívia etc.

- Troca de experiências e boas práticas na organização de eventos esportivos de grande porte.

Comércio e investimentos

- Execução de ações comuns - como seminários, roadshows, visitas técnicas, publicações - visando o crescimento dos investimentos e do comércio bilateral.

África

- Adoção de programas bilaterais que visem o desenvolvimento sustentável de países africanos. Ilustrando a cooperação já ativa com instituições dos EUA, será implantado, em 2013, em Angola e Moçambique, o modelo das padarias artesanais do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, com o apoio da ONG americana Africare.

Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação

- Adoção de novos acordos entre a FAPESP e universidades paulistas e instituições de ensino superior dos EUA visando a cooperação e o intercâmbio de pesquisadores em áreas de interesse comum.

BNDES assina dois acordos com bancos dos Brics – O Estado de São Paulo, Economia. 27/03/2013

Objetivo é promover economia de baixo carbono e desenvolver infraestrutura no continente africano

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, assinou nesta quarta-feira, 27, dois acordos com bancos de desenvolvimento dos países que integram os Brics (Rússia, Índia, China e África do Sul, além do Brasil). O objetivo é aumentar a colaboração entre os membros do bloco na promoção de uma economia de baixo carbono e para o desenvolvimento da infraestrutura no continente africano, informou o banco em comunicado.

Os documentos foram firmados entre o Banco de Desenvolvimento e Assuntos Econômicos Externos (Vnesheconombank) da Rússia, o Exim-Bank da Índia, o Banco de Desenvolvimento da China (CDB, na sigla em inglês) e o Banco de Desenvolvimento do Sul da África (DBSA, na sigla em inglês). A assinatura ocorreu durante a V Cúpula dos Brics, que acontece na cidade de Durban, na África do Sul.

O primeiro documento, o Acordo de Cooperação Multilateral e Cofinanciamento para o Desenvolvimento Sustentável dos Brics, estabelece as bases para a coordenação e troca de informações entre as instituições dos cinco países com objetivo de aprimorar os mecanismos de desenvolvimento sustentável e fomentar parcerias na área.

O segundo documento, o Acordo Multilateral dos Brics para o Cofinanciamento de Infraestrutura na África, tem intenção de facilitar pactos bilaterais entre os bancos de desenvolvimento do bloco para apoiar projetos em solo africano. Outro objetivo é promover o comércio de bens, serviços e os investimentos entre os países dos Brics e a África.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Lauro Mattei,
Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal,
Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Karina Kato,
Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa